

HISTÓRIAS DA LAGOA - RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID DAS ARTES VISUAIS

CECÍLIA DA SILVA BASSI¹; HELENA DOS SANTOS MOSCHOUTIS²;

DANIEL BRUNO MOMOLI³:

¹Universidade Federal de Pelotas – cdsbassi2004@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helenasmos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o relato de uma experiência vivenciada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque, na Colônia Z3, com as duas turmas de 5º ano (5A e 5B) do Ensino Fundamental, ao longo do ano de 2025, durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. A atividade - que segue sendo realizada-, tem como enfoque principal a relação entre o lugar, o indivíduo e memória, exaltando o cenário da lagoa que banha a comunidade e suas histórias, contadas a partir dos próprios alunos e alunas, membros da comunidade e histórias que foram criadas a partir de outras. Escolhemos trabalhar com a territorialidade da lagoa pois é intrínseco à comunidade e seus cotidianos, dando ênfase na oralidade e cultura local, e no potencial criativo a fim de criar novas histórias, reais ou fictícias, e como objetivo, exercer o potencial criativo na construção e narrativa de seus próprios contos locais. A fim de pensar o processo criativo, a linguagem mais utilizada foi a do desenho, pensado-o como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, pois o desenho é um tipo de conhecimento que possui grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e expressão, (DERDYK, 1989) e também pensando nas memórias e pertencimento, onde “a memória é um trabalho sobre o tempo vivido, invocado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003)

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A atividade realizada com as turmas de 5º ano surgiu a partir do questionamento de como as histórias que contamos, ouvimos e são contadas por nossos pais, avós e familiares, constituem e transformam os lugares em que vivemos, visando estabelecer conexões entre o contexto dos alunos e suas vivências com o potencial criativo deles a fim de estabelecer novas narrativas construídas e produzidas visualmente, resultando na construção de livros. A etapa inicial foi estabelecer com uma roda de conversa para fazer uma contação de histórias na lagoa, sendo realizado na beira da praia com a turma 5A e na

Paróquia Santo Antônio com a turma 5B. Esse momento foi dedicado para contar e ouvir as histórias que os/as colegas tinham sobre a lagoa, surgindo diversos relatos envolvendo animais, tempestades e até mesmo lobisomens.

Figura 1: Paróquia Santo Antônio, Colônia Z3



Fonte: Autora, 2025.

Na semana seguinte, foi realizada uma atividade investigativa de desenho e escuta em dupla, onde um colega deveria contar uma das histórias que mais gostou enquanto outro a desenhava, e vice-versa. Na terceira semana da atividade, tivemos um encontro para ouvir as histórias de pescador do convidado especial Mario (nome fictício), que é um pescador da comunidade e que aceitou o convite para contribuir com o projeto. Junto com a fala dele, também foram feitas algumas perguntas em formatos de pequenos pergaminhos, para direcionar o foco dos alunos e alunas durante a escuta da fala do convidado, sendo entregue de volta para as professoras.

Após realizados os dois momentos de contação de história: o momento inicial com os alunos e posteriormente o momento com um membro da comunidade, retornamos as atividades em sala de aula com o início da produção dos seus livros na semana de encontro na escola. Nesse momento da produção, foram apresentados à turma alguns exemplos de diferentes tipos de livros (Hq's, mangás, livros infantis, livros de artista, livros com ilustrações, apenas para citar alguns exemplos), para que eles pudessem realizar as leituras das imagens e assim pensar a produção prático-teórica da atividade conectando-as com a proposta de realizar um livro com alguma das histórias ouvidas e/ou contadas. Foram utilizados durante a produção da atividade diversos materiais disponíveis na escola: folha branca A4 e materiais gráficos variados, tecidos, revistas e fitas coloridas. Ao longo da atividade, foi possível identificar a construção de livros em formatos diferentes e a experimentação e curiosidade pelo material alternativo

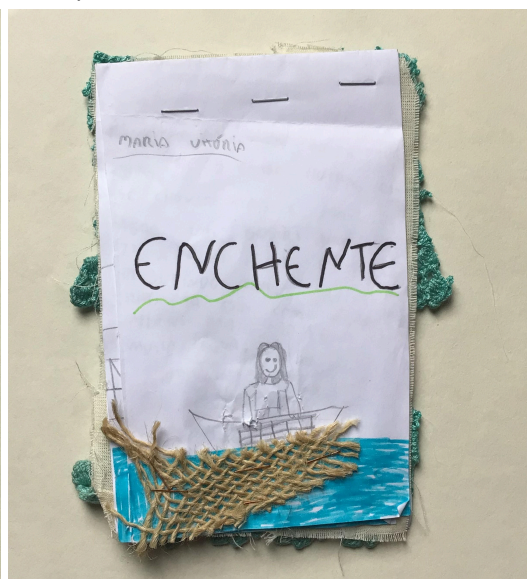
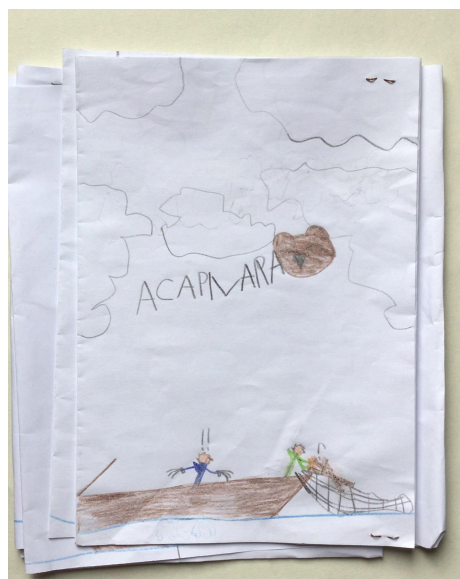
(tecido) na criação dos livros. Ao decorrer das produções, foi possível observar como cada aluno e aluna traz de si suas vivências, particularidades e gostos, gerando momentos de conversa e vínculo sobre dúvidas em relação ao desenho ou sobre as histórias, surgindo temas que apesar de fugirem do contexto da lagoa, como jogos ou personagens de filmes ou desenhos, foi possível estabelecer uma relação com a história envolvendo a lagoa, mostrando assim como seu repertório cultural e as experiências vividas, um tema que foi muito presente na produção das turmas que trouxeram em seus livros muitas histórias que falavam sobre a enchente de 2024 que atingiu a comunidade, e assim sendo pode ser sim inserido dentro das atividades escolares, tornando-se um ambiente lúdico e confortável para combinar a aprendizagem com seu cotidiano.

Figura 2: Momento de produção dos livros



Fonte: Autora, 2025

Figura 3: A capivara (produção de aluno) Figura 4: A enchente (produção de aluna)



Fonte: Autora, 2025

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto realizado apresenta contribuições nas potencialidades criativas voltadas para o contexto e cotidiano da escola e comunidade através da experimentação de novas materialidades e novos modos de pensar a construção de narrativas visuais, fortalecendo assim a tradição da oralidade e do sentimento de pertencimento dos lugares que habitamos de forma lúdica e divertida, a fim de refletir sobre os espaços em que ocupamos e como são construídos através das histórias que ouvimos e contamos. As atividades foram realizadas em grupos apesar de os trabalhos serem individuais, assim houve troca e partilha, coletividade e fortalecimento de laços nas atividades práticas. Apesar de todos os aspectos positivos, entendo e respeito o tempo dos alunos e durante os meses realizando a atividade, concluo que devo trabalhar melhor no planejamento e gestão de tempo, pois a atividade se prolongou mais do que imaginava que duraria, visto que o tempo da escola é um tempo diferente, o tempo dos alunos e alunas são outro, assim como há imprevistos, sejam eles climáticos ou adaptações fora do programado nas aulas. Outro aspecto que aprendi durante as aulas é com a ida à praia ensinou que o lugar de escuta deve ser calmo e confortável, visto que na praia pela manhã encontrava-se ventosa e úmida, impedindo a concentração requerida para uma escuta atenciosa e produtiva na roda de conversa, por isso, na segunda vez, fomos à Igreja, onde a escuta se fez produtiva e o ambiente confortável. Também é válido mencionar os encontros semanais de apenas 45 minutos devido à redução da carga horária de Artes Visuais para a inclusão de outras linguagens da Arte no currículo escolar, desafiando o tempo de nossos encontros de troca semanais, um enfrentamento que desafia diversos docentes da área das Artes Visuais. Por fim, posso dizer que essa proposta me ensinou a compreender o cotidiano da escola e suas vivências únicas e exclusivas de seu contexto, seja ele social, geográfico e cultural, e também proporcionando-me uma enriquecedora e transformadora contribuição fornecida pelos membros da escola e alunos para a minha construção como docente.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios sobre a Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.